

REVISTA

CRISTO REI
MARILIA SP

inovar

Maio/Junho 2013
4ª edição

O CINEMA NA SALA DE AULA UM DISCURSO INTERDISCIPLINAR

Psicopedagoga Lucilla da Silveira Leite Pimentel



ARTIGO
Desenvolvimento Moral
e Educação
Pedagoga Sabrina Sacoman
Campos



ARTIGO
Busca pelo significado nas
histórias infantis
Psicóloga Cecília Guillen
Carneiro

EXPERIÊNCIA
Saúde, socialização e valores
integram objetivos da
Educação Física
Educadora Física Regina
Piraccini de Freitas

OPINIÃO Cotas: Reparação Social ou questão de mérito?
Prof. Elder Roberto Cabral Marcílio

INÍCIO



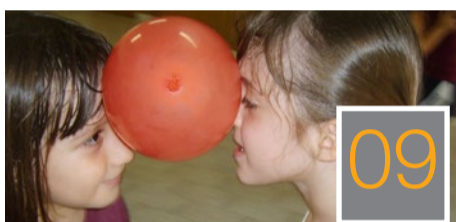
artigo
Desenvolvimento Moral e Educação

Sabrina Sacoman Campos
Pedagoga e Mestre em Educação



artigo
Busca pelo significado nas histórias infantis

Cecília Guillen Carneiro
Psicóloga clínica e educacional



experiência
Saúde, socialização e valores integram objetivos da Educação Física

Regina Mary Mantovani Piraccini de Freitas
Especialista em Educação Física Escolar

12

artigo
O cinema na sala de aula

Lucilla da Silveira Leite Pimentel
Psicopedagoga, Mestre em Filosofia da Educação e
Mestre em Comunicação Social

18

opinião
Cotas: Reparação Social ou questão de mérito?

Elder Roberto Cabral Marcílio
Licenciado em Ciências Sociais, Prof. de História, Geo-
grafia e Sociologia e Bacharelado em Ciência Política

15

coluna
Encontros mensais de
aperfeiçoamento enriquecem prática
docente

Rosângela Michelli
Psicopedagoga e professora de apoio pedagógico
para alunos do 2º ao 5º ano

22

sugestões
Livros e Filmes

Livro: O Diário de Anne Frank
Filme: Escritores da Liberdade
Filme: UP - Altas Aventuras
Filme: As aventuras de PI

17

opinião
Como a comunicação foi afetada pelas
ferramentas digitais

Leandro Tecco
Formado em Letras e Professor de Gramática/
Interpretação de texto

26

redações em destaque
Textos produzidos por alunos do
Colégio Cristo Rei

editorial

PROF. DR. ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei



Construindo reflexões

Pensar e repensar. Planejar, agir e avaliar. Estudar, experimentar e observar. Estes são alguns exercícios essenciais para a prática educacional de excelência. Afinal, a educação não é algo estático. Ela está em constante movimento, em contínua transformação e, sendo assim, devemos não apenas acompanhar a evolução, mas nos antecipar a ela.

Neste sentido, a 4ª edição da Revista Eletrônica Inovar Cristo Rei chega até você para apresentar algumas reflexões e ações que colaboram com a (re)construção dos processos de ensino e aprendizagem. Construção que é infindável, na qual sempre é possível incluir um novo tijolo, utilizar uma nova ferramenta, acrescentar uma nova cor.

Por isso, nas próximas páginas, nossos “construtores” edificam ideias, sugerem novos materiais e dão novos revestimentos às atividades escolares. Dessa forma, toda a comunidade educativa e a sociedade em geral podem conhecer, partilhar e interagir com a vanguarda educacional.

Esperamos que ao ler os artigos, colunas e opiniões desta revista você possa construir suas próprias significações e arquitetar novas reflexões.

Boas reflexões!

EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)
Design gráfico e editoração: Márcio R. Martins
Imagens: José Antônio (Zem)
Revisão: Prof. Ernaldo Francisco dos Santos
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei
Fale conosco: marketing@crstorei.com.br

Diretor Geral: Édio João Mariani
Diretores administrativos: Ir. José Roberto de Carvalho e Ir. Elton Lopes

RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina Sacoman Campos, Regina Cristiane N. Campos Peres, Verediana de Rossi F. da Cunha, Lourival F. da Cunha, Mariana Spadoto de Barros, Eliane de Rossi Marconato, Luiz Célio de Oliveira, Selma Leila B. Martins e Gilson José Amancio.
Secretaria: Ivo F. Dutra
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo
Biblioteca: Andréia Juliani
Juventude Cristo Rei: José Augusto Brasil
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota
Serviços Gerais: Edivaldo Lacerda Rocha
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva

COLÉGIO CRISTO REI
Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -
Cep: 17.515-200
Fone: (14) 3402-2399

www.crstorei.com.br / colegio@crstorei.com.br

“a 4ª edição da Revista Eletrônica Inovar Cristo Rei chega até você para apresentar algumas reflexões e ações que colaboram com a (re)construção dos processos de ensino e aprendizagem.”

artigo



Desenvolvimento moral e educação

Este texto tem como objetivo realizar algumas reflexões teóricas, baseadas em pesquisas bibliográficas, a respeito do desenvolvimento do juízo moral nas crianças, de acordo com a teoria de Jean Piaget, e as contribuições destas reflexões para a educação.

Compartilhamos da definição de moral instituída por Piaget, em sua emérita obra sobre a moralidade "O juízo moral na criança" (1932/1994), segundo a qual "Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras." (PIAGET, 1994, p. 23)

Piaget identificou, de maneira mais geral, dois processos distintos no desenvolvimento moral dos indivíduos, em que um precede o outro: a heteronomia e a autonomia. Na heteronomia, o sujeito já age de maneira moral, mas essa moral é exterior ao indivíduo, as regras são consideradas sagradas, imutáveis e obrigatórias, sendo impostas por uma autoridade. A relação entre os sujeitos, então, é baseada na coação. Para esses sujeitos os valores a serem seguidos são aqueles que a

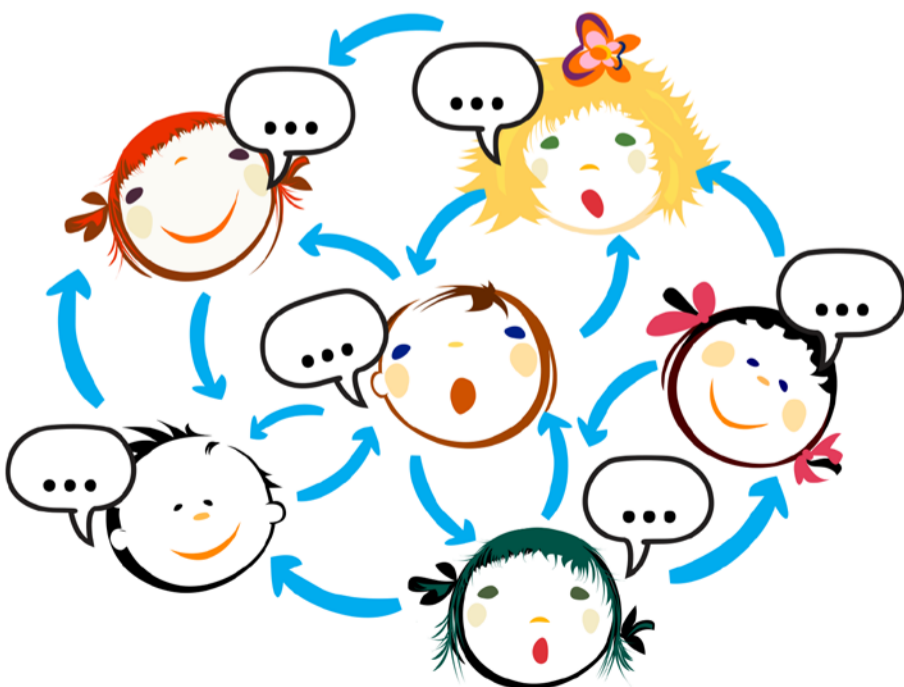
sociedade adulta ou uma autoridade lhes impõe. A heteronomia é considerada por Piaget como sendo a "moral do dever", já que os indivíduos obedecem às regras não por compreenderem ou concordarem com elas, mas por sentirem obrigação em relação ao mais velho ou à autoridade. A prática das regras, nas crianças, se dá em função da imitação do modelo adulto.

Na autonomia, por outro lado, o sujeito age moralmente de acordo com uma moral que é construída por ele próprio dentro de um acordo mútuo com o coletivo. Nesse caso, as regras são consideradas obrigatórias quando compreendidas e aceitas. A relação entre os indivíduos é baseada na cooperação e os valores vão além daqueles impostos pela sociedade, tornando-se universais. Assim, a autonomia consiste, ainda, em ser capaz de se colocar no lugar do outro, ou seja, em fazer com que as leis sejam universais e os ideais sejam coletivos, diferentemente do egocentrismo encontrado na heteronomia.

A questão do respeito é ponto central na teoria de Piaget. O respeito pela regra e por quem a transmite é essencial para compreendermos a moralidade.

De acordo com Piaget, para entendermos a moralidade e seu desenvolvimento, é fundamental a compreensão de que a sociedade não é homogênea. Ou seja, a sociedade é composta por um conjunto de relações sociais, e essas relações podem ocorrer de diferentes formas. Dividindo essas diferentes formas de relações sociais, temos nos extremos: de um lado, as relações em que prevalece a coação, ou seja, as relações em que um indivíduo considerado superior exerce sua autoridade de forma coercitiva sobre um indivíduo considerado inferior, resultando em um respeito chamado unilateral; do outro lado, as relações de cooperação, nas quais os indivíduos se tratam como iguais e se ajudam mutuamente, resultando no respeito chamado mútuo. De acordo, então, com a relação estabelecida, o respeito entre estes indivíduos pode ser respeito unilateral, quando ocorre relação de coação entre os indivíduos, ou respeito mútuo, quando ocorre relação de cooperação.

Inicialmente, o respeito unilateral leva à regra coercitiva.





artigo

Nesse caso, portanto, é preciso se conformar com as regras, pois são obrigatórias, tendo origem no adulto ou no divino. O respeito unilateral é marcado, ainda, pelo egocentrismo infantil. É preciso, no entanto, não confundir egocentrismo com egoísmo. No egocentrismo, a criança não diferencia seu eu do mundo exterior e permanece centrada, então, em si própria. Do respeito unilateral, então, resulta uma forma de juízo moral heterônoma. Posteriormente, o respeito mútuo levará à autonomia da consciência. Quando as crianças praticam e vivem as regras de acordo com a cooperação, são capazes de elaborar a regra de maneira diferente, percebendo que elas não são imutáveis, mas dependem do acordo mútuo e da reciprocidade. Do respeito mútuo resulta, então, uma forma de juízo moral autônoma.

Ao pensar o ambiente sociomoral que corresponde à formação de sujeitos autônomos, Piaget (1994; 1996) propõe uma educação que não deve ser pautada em métodos autoritários e unicamente individuais, mas em uma pedagogia "ativa". Para o autor,

A "escola ativa" baseia-se na ideia de que as matérias a serem ensinadas à criança não devem ser impostas de fora, mas redescobertas pela criança por meio de uma verdadeira investigação e de uma atividade espontânea. "Atividade" se opõe, assim, à receptividade. A educação moral ativa supõe, conseqüentemente, que a criança possa fazer experiências morais e que a escola constitui um meio próprio para tais experiências. (PIAGET, 1996, p. 19-20)

A educação moral, então, não se trata de uma matéria, tampouco de lições isoladas, o trabalho com as questões morais deve permear o sistema de ensino como um todo. A moral trabalhada como disciplina isolada ou como lição de moral, não leva ao desenvolvimento, mas ao conformismo.

O trabalho, de forma geral, deve ocorrer de forma coletiva, com trabalhos em grupo, no qual prevaleça a colaboração e a cooperação. Afinal, o desenvolvimento moral ocorre graças às relações de respeito mútuo, como demonstrou Piaget. A cooperação é a forma mais eficaz para se chegar à autonomia e o trabalho coletivo leva a criança a cooperar.

O self-government, segundo Piaget (1994; 1996), traduz a ideia de que, para que a criança construa noções morais, assim

“A cooperação é a forma mais eficaz para se chegar à autonomia e o trabalho coletivo leva a criança a cooperar.”

como no caso das noções intelectuais, ela precisa viver a experiência real de exercício da consciência e de discussão das leis. Portanto, sendo a classe uma espécie de sociedade infantil, as crianças devem participar da organização dessa sociedade. Isso é possível quando se possibilita às crianças participar da construção das regras e de como essas regras serão cumpridas.

A educação, portanto, segundo Piaget, deve basear-se nas relações de cooperação e de respeito mútuo. Ideal que deve ser, também, assumido e vivenciado pelos educadores. A relação entre adultos e crianças pequenas nunca poderá ser uma relação unicamente de cooperação e de respeito mútuo, afinal, a criança pequena ainda é heterônoma, mas deve haver, por parte do educador, uma disposição em fazer com que esta relação chegue o mais próximo possível de uma relação entre iguais. Segundo Vinha:

É fundamental, para construir-se uma atmosfera de cooperação em sala de aula, que o ambiente escolar seja propício. Para tanto, o respeito mútuo constituirá o fundamento da relação professor-aluno. Um dos princípios da educação construtivista é haver na classe uma atmosfera sociomoral, na qual o respeito pelos outros é continuamente cultivado e praticado. Nesse ambiente, os indivíduos interagem, respeitando-se reciprocamente como pessoas iguais. Tanto entre as crianças, como com relação ao professor e o aluno. (VINHA, 2000, p. 168)



artigo

DeVries e Zan (1998) nos mostram que as relações sociais são fundamentais dentro de uma educação que vise ao desenvolvimento moral. O respeito mútuo é princípio fundamental para uma educação baseada em um ambiente sociomoral que busque a autonomia. Portanto, ao pensar um ambiente sociomoral para seus alunos, o professor deve refletir em sua própria relação com os alunos e na promoção da interação social entre todos.

Conclui-se que a educação que tem como objetivo a formação para a autonomia deve promover um ambiente cooperativo, deve valorizar a interação, as trocas sociais, a amizade, a criatividade, a livre iniciativa, a liberdade, as experiências e o respeito mútuo. Não é possível alcançar a formação de indivíduos autônomos por meio de uma educação baseada na coação e no respeito unilateral.

Referências bibliográficas

- DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 328p.
- PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. 302p.
- _____. Os procedimentos da educação moral. In: MACEDO, L. (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 01-36.
- VINHA, T, P. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista**. Campinas: Mercado de Letras/ FAPESP, 2000. 623p.



SABRINA SACOMAN CAMPOS
Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista
"Júlio Mesquita Filho" - UNESP/Marília

artigo



Busca pelo significado nas histórias infantis

Os contos de fadas sob a visão psicanalítica



Na edição anterior da Revista Inovar a Professora Maristela Merchan Betini apresentou a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil. Diante da relevância do assunto, neste artigo vamos dar continuidade a ele, porém sob a visão psicanalítica. Afinal, assim como as crianças pedem para contar novamente as histórias, repetições essas que são necessárias para suas elaborações, também daremos continuidade ao tema para uma maior compreensão dos seus significados.

A criança saudável mostra viva curiosidade por tudo que a cerca, sua curiosidade é ilimitada, tudo lhe é novo e precisa ser descoberto. Com as histórias infantis a criança classifica o mundo e obtém maior compreensão de seus sentimentos, o que favorece o desenvolvimento de sua personalidade.

As histórias infantis mostram as razões, as motivações psicológicas, os significados emocionais. A linguagem simbólica do inconsciente que está implícita nas histórias esclarece sobre

si mesma. Oferece significado em muitos níveis diferentes. Além disso, têm a função de divertimento.

As histórias da coleção *Estórias para Pequenos e Grandes* do autor Rubem Alves mostram que o mundo das crianças não é tão só risonho quanto se pensa. Há medos confusos, difusos, experiências das perdas, bichos, coisas, pessoas que vão e não voltam, o escuro da noite. Rubem Alves escreveu histórias sobre temas dolorosos, dizendo não ser possível fazer de conta que eles não existem. Ele assinala que os "maus espíritos" a gente espanta chamando-os pelo nome real. Então, o objetivo da história é dizer o nome, dar às crianças símbolos que lhes permitam falar de seus medos, dizendo sempre ser mais fácil falar sobre si mesmo fazendo de conta que estamos falando sobre flores, sapos, elefantes, patos...

Na obra de Bruno Bettelheim, *A psicanálise dos Contos de Fadas* o autor fala que até pouco tempo os contos de fadas eram considerados como "irreais, falsos e cheios de crueldade".



artigo

“a criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento.”

Mas, na verdade, são para as crianças o que há de mais real dentro delas, em linguagem acessível.

Os pais temem que os contos de fadas afastem as crianças da realidade, através de mágicas e fantasias. Porém, o real, a que os adultos comumente se referem, é o externo, o mundo circulante, enquanto que o conto de fadas fala de um mundo bem mais real para as crianças.

Bettelheim recorda que durante muito tempo os contos de fadas foram esquecidos, desprezados e banidos sob a alegação de serem irrealis e selvagens, em vista de suas tramas altamente dramáticas.

Depois que a psicanálise desmistificou a “inocência” e a “simplicidade” do mundo da criança, os contos de fadas voltaram a ser lidos e discutidos, justamente por descreverem um mundo pleno de experiência, de amor, mas também de destruição, de selvageria e de ambivalência. A psicanálise provou que, na verdade, os pais temem que os filhos os identifiquem com bruxas, monstros, ogros, madastras e, em consequência, deixem de amá-los. Porém, ao contrário, podendo vivenciar tudo, identificando-se e identificando os pais com os personagens dos contos, os filhos têm sua agressividade diminuída, podendo amar os pais de maneira mais tranquila. O conto, assim, contribui para um melhor relacionamento familiar, desmanchando as fontes de pressão agressiva que, caso contrário, seriam dirigidas aos pais, sentimentos de amor e ódio, ambivalentes e normais no desenvolvimento.

Os contos de fadas representam, sob a forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano e como os contos tornam tal desenvolvimento atraente para o engajamento da criança nele.

Entretanto, a maior contribuição dos contos de fadas é em termos emocionais, propondo-se – e realizando concretamente – quatro tarefas: fantasia, escape, recuperação e consolo. Desenvolvem a capacidade de fantasia infantil; fornecem escapes necessários falando aos medos internos da criança, as suas ansiedades e ódios, seja como vencer a rejeição, como em João e Maria; ou os conflitos edípicos com a mãe, como em Branca de Neve; ou a rivalidade com os irmãos, como em Cinderela; ou sentimentos de inferioridade, como em As três plumas. Os contos aliviam as pressões exercidas por estes problemas; favorecem a recuperação, incutindo coragem na criança, mostrando-lhes que é sempre possível encontrar saídas.

Finalmente, os contos consolam. O “final feliz”, que tantos adultos consideram irreal e falso, é a grande contribuição que os contos fornecem à criança, encorajando-a na luta por valores amadurecidos e a uma crença positiva na vida.

O significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. Ou seja, a criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar velhos significados ou substituí-los por novos.

As crianças pedem para ver novamente as histórias, pois isto é necessário para suas elaborações. Algumas podem ser escutadas ou lidas sozinhas, outras devem ser contadas por alguém, afinal como diz Rubem Alves, alguém contando a história, na verdade, estará ajudando a enfrentar os medos e situações.

Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 366 p.
ALVES, Rubem. **Coleção: Estórias para pequenos e grandes**.



CECÍLIA GUILLEN CARNEIRO
Psicóloga infantil do Colégio Cristo Rei.
Psicóloga clínica e educacional, graduada pela UNESP/Assis.

experiência



Educação Física

Saúde, socialização e valores integram objetivos da Disciplina no Colégio Cristo Rei

Educação Física ensina através do corpo o que você não é capaz de dizer com palavras ou explicar em números.

Grazielle Dias

Na visão do autor João Paulo S. Medina, a Educação Física é a arte e a ciência do movimento humano que, por meio de atividades específicas, auxiliam no desenvolvimento integral dos seres humanos, renovando-os e transformando-os no sentido de sua autorrealização e em conformidade com uma sociedade justa e livre.

No Colégio Cristo Rei, a Educação Física está associada à missão da instituição que tem como objetivo ser uma escola com qualidade e condições cada vez mais propícias à aprendizagem e à formação integral do educando.

A equipe de educadores físicos do Colégio é composta pelos professores Antonio Carlos da Silva (Neno), Antonio Mateus, Fabíola Meirelles Costa, Fernando Carlos Martins Paredes, Regina Mary Mantovani Piraccini de Freitas e Rosinei Regazzo Gimenez.

O trabalho é voltado à cultura corporal dentro dos conteúdos da Disciplina (dança, esporte, lutas, capoeira e ginástica) visando valores e atitudes relacionados à área da Saúde.

AULAS CONSTRUÍDAS, REALIZADAS E DIVERTIDAS



Durante as aulas de Educação Física, o objetivo é oferecer condições para:

- Que o aluno desenvolva hábitos de higiene, de saúde física e mental e respeito ao ambiente em que vive;
- Desenvolver as habilidades psicomotoras;
- O desenvolvimento social da criança: senso crítico, respeito e cooperação;
- Proporcionar atividades recreativas visando à auto-organização, a organização em grupo e o desenvolvimento do raciocínio global;
- Intensificar o desenvolvimento da criatividade individual e grupal dentro da criação do movimento;
- Melhorar as condições físicas e orgânicas (através dos



experiência

exercícios específicos), com relação às modalidades desportivas e ao próprio corpo;

- Desenvolver noções preventivas de acidentes;
- Trabalhar conteúdos de maneira a promover a interdisciplinaridade.



“É um processo dinâmico onde o próprio aluno descobre suas dificuldades e, ao tentar vencê-las, alcança o amadurecimento.”

CONHECIMENTO, HABILIDADES E ATITUDES
No Ensino Fundamental II os alunos são desafiados a alcançarem o máximo de sua capacidade

Quando os alunos vivem a fase da adolescência as aulas de Educação Física ganham novas abordagens. A equipe de professores do Colégio Cristo Rei desafia os alunos a alcançarem o máximo de sua capacidade intelectual, física e de socialização. Isso acontece basicamente em três áreas: conhecimento, habilidades e atitudes.

Estes temas são desenvolvidos através de pequenos e grandes jogos, onde os estudantes aprendem as regras, buscam estratégias e trabalham em equipe. É um processo dinâmico onde o próprio aluno descobre suas dificuldades e, ao tentar vencê-las, alcança o amadurecimento.

mento.

Além do esporte, durante algumas aulas são utilizados vídeos, reportagens e discursos que trazem acontecimentos do cotidiano e contribuem com o desenvolvimento da criticidade e da visão de vida. Temas como a alimentação, drogas, bebidas, redes sociais etc. são vistos e discutidos.

As modalidades também são utilizadas para desenvolver a parte física global, por isso, o trabalho não fica limitado a algumas modalidades. Os alunos concluem o 8º ano sabendo as regras, táticas e técnicas de 5 modalidades olímpicas: handebol, futsal, basquete, vôlei e futebol suíço.



experiência



A OLIMPÍADA CRISTO REI

A Olimpíada é o ponto alto da Educação Física no Ensino Fundamental II. Trata-se do momento no qual os alunos mostram o que aprenderam. Além disso, o evento desenvolve a liderança, pois eles mesmos organizam suas equipes, adquirindo senso de organização, disciplina e, principalmente, sabendo lidar com fracassos.

Aprendem, ainda, a ter força para redirecionar suas estratégias e esforçar-se para recuperar o que foi perdido, ao tentar superar suas dificuldades e vencer. Os alunos amadurecem, pois as experiências vividas acrescentam respostas aos problemas do cotidiano.

O regulamento da Olimpíada Cristo Rei é feito com o intuito de que todos participem, independente de sua habilidade. Eles aprendem que todos são importantes, cada um tem algo para contribuir, por isso existe uma diversificação de modalidades e regras.

“Os alunos amadurecem, pois as experiências vividas acrescentam respostas aos problemas do cotidiano.”



REGINA MARY MANTOVANI PIRACCINI DE FREITAS
Formada em Educação Física há 25 anos, especialista em Educação Física Escolar, Psicomotricidade, técnicas de Natação e Hidroginástica. Atualmente, atua no Colégio Cristo Rei e na FAIP (Faculdade Integrada Paulista).

artigo



O cinema na sala de aula um discurso interdisciplinar



Este texto traz uma prática pedagógica que pode atender a uma ação interdisciplinar entre cinema, meio de comunicação audiovisual considerado uma forma contemporânea de arte, e educação, entendida como processo de ensino e de aprendizagem que se efetiva em um âmbito de convivência. Ambos se destacam e são reconhecidos em sua função comunicativa e social.

Entendemos que o cinema contribui com a atuação do professor em sala de aula quando faz uso desse recurso midiático. É possível considerá-lo não como simples ilustração de um tema de sua disciplina, mas quando vai além, quando faz parte de uma prática pedagógica que incita seus alunos a uma nova postura frente ao filme: a de receptor-leitor crítico que, ao reconhecê-lo também como fonte de conhecimento, expande sua capacidade de pensar a realidade ao mesmo tempo em que aprimora suas dimensões humanas.

Estamos, assim, ressignificando a narrativa fílmica como

um meio que possibilita criar relações interpretativas mais fiéis às questões existenciais do sujeito e sugerir ações formativas mais condizentes com os apelos da contemporaneidade – o que significa conferir uma função educativa às imagens cinematográficas.

Conhecer para entender parece-nos ser um dos requisitos básicos a se exigir do professor que se propõe a adotar o cinema em aula. Isto é, ter uma noção precisa do que vem a ser essa mídia, colocar-se na experiência, reconhecer suas possibilidades de recepção para entendê-lo como veículo comunicativo de função social e formativa. Social porque propicia condições de atender as necessidades culturais do indivíduo e da sociedade e formativa porque o cinema retrata comportamentos, problemas e valores peculiares da realidade humana, sujeita não só à contemplação, mas a uma leitura diferenciada, de análise interpretativa. Em ambas as funções o cinema suscita efeitos no espectador-receptor, além de promover a inter-



artigo

relação entre indivíduo, sociedade e cultura.

A situação retratada em cena, atitudes e características vivenciadas pelos personagens na ficção são representações provocativas, são elementos facilitadores para desencadear transferências, projeções e identificações do espectador capturado por aquilo que sente e vê na tela. Tais ações internas, muitas vezes inconscientes, fazem parte de um conjunto de fenômenos que ocorre em nossa subjetividade. Refere-se à relação que se estabelece entre sujeito/espectador e cinema/imagem.

O professor, tendo uma compreensão mais ampla do contexto sociocultural do aluno, bem como do caráter interdisciplinar do cinema – que traz, através das imagens em ação, aspectos antropológicos, psicológicos, éticos, sociais, linguísticos –, poderá perscrutar a trama de um filme ultrapassando uma abordagem estreita e unilateral ou mesmo a reproduzir visões preconceituosas ou ideológicas, para abrir oportunidades de discussão em torno da vida como ela é, dando voz às percepções e sensações dos alunos.

Esta postura indica que se requer do professor um papel inovador frente à imagem cinematográfica, no sentido de abandonar modelos, sem se impor como intérprete oficial e manipulador das imagens que apresenta em aula. Não se trata, portanto, de assistir ao filme ou a um seu recorte para uma observação superficial presa às aparências, ao óbvio que as cenas revelam, mas sim de uma análise estrutural, reveladora do não dito, dos efeitos receptivos, dos mecanismos identificatórios e

projetivos que se encontram em suas imagens/mensagens, superando a crença do receptor de que efetivamente se encontra diante de um acontecimento, quando na verdade está diante da forma como a câmera faz a leitura desse acontecimento.

O cinema, sob nosso ponto de vista relacionado à educação, é uma experiência inusitada que escapa do cotidiano, da rotina familiar e escolar para envolver o aluno em um entretenimento que o fascina e causa efeitos interessantes graças à eficácia com que representa as condições humanas. Apesar de não ser realidade, dentro de suas possibilidades técnicas e ficcionais, tenta representá-la, tantas vezes, de modo muito realista, provocando a experiência sensível no espectador.

Isto significa que o cinema faz da estética e da comunicação dimensões próprias da representação, aguçando sensibilidades e emoções à medida que nos comunica algo, lidando ao mesmo tempo com imagens, cores e sons, tendo o olho da câmera em movimento a explorar paisagens, seja um rosto em close, seja a corredeira de um rio.

Para ser explorado em sua função formativa, é importante aprender a olhar e não apenas ver imagens, entendendo-se o olhar distinto do ato mecânico de ver, próprio do órgão da visão. Trata-se aqui do olhar/conhecer, ou seja, do olhar perceptivo-cognitivo quando a imagem vista na tela faz uma provocação aos sentidos. Percepção e cognição reconhecidas, aqui, como fenômenos humanos que não se estranham, mas ocorrem ao mesmo tempo e de modo interdependente.

Se o cinema procura representar tudo o que diz respeito à natureza humana, hoje evidenciada pelo desajuste social, pela violência desmedida, pela competição desenfreada, pela corrupção exacerbada e desordens emocionais, é de extrema necessidade, quando introduzido em aula, que o professor seja um interlocutor indispensável para organizar e mediar a ação de decifrar os signos impressos nas imagens, tendo protagonistas e antagonistas provocando uma experiência sensível no sujeito espectador.

Esta obra de arte, que é o filme, tem, então, a condição de incitar um tipo específico de prazer que procede de fontes psíquicas mais profundas, promovendo um prazer estético devido à analogia entre a produção fílmica e as próprias fantasias do indivíduo. Em outras palavras, íntimas relações entre desejos, angústias e necessidades humanas e o que ocorre em sua narrativa. É exatamente essa associação entre ficção e realidade humana, presente na imagem cinematográfica, que não pode

“...é uma experiência inusitada que escapa do cotidiano, da rotina familiar e escolar para envolver o aluno em um entretenimento que o fascina...”



artigo

ser ignorada pela escola.

Os multimeios encontram-se hoje fortemente inseridos no cotidiano e são desencadeadores de outras formas de sentir, pensar e agir humanos. Praticamente, não conseguimos entender nossa vida sem eles, seja como entretenimento, seja como ferramenta de trabalho, indício de que a invasão tecnológica no seio social tem provocado uma mudança substancial na cultura de nosso tempo. Por isso mesmo, não se pode negar a utilização da imagem na escola, fazendo parte da urgência de mudança, renovação de práticas pedagógicas e atualização contínua de conteúdos diante das novas demandas da sociedade.

A adoção do cinema em aula convida o professor para que seja cada vez mais perceptivo e crítico diante do que as imagens audiovisuais revelam e dos efeitos que produzem nos seus alunos receptores. Portanto, são essenciais que o professor:

- a) tenha uma intenção explícita para sua aplicação em aula [Como. Por que. Para que exibi-lo];
- b) faça um preparo adequado: assistir ao filme várias vezes com atenção redobrada às temáticas que nele aparecem, que serão abordadas e que possam ser despertadas a partir da narrativa fílmica;
- c) entenda o cinema como um meio cultural e de conhecimento instigador de diálogos interdisciplinares;
- d) introduzi-lo como uma prática que abre espaço para uma discussão entre ficção e realidade vivida.

Com isso, espera-se que o resultado leve à formação mais complexa do aluno, educando-o para ser um espectador e cidadão mais investigativo, analítico e crítico, na medida em que estabelece relações entre as imagens, a realidade subjetiva e o contexto social.

É por essa razão que se torna imprescindível colocar em debate a cultura da imagem no espaço escolar, visto que nela encontramos uma multiplicidade de interpretações e leituras, capaz de complementar a educação/formação de nossos alunos. Para que isto ocorra, consideramos que: está na disponibilidade do professor para o desafio, com sua visão de ser humano, de mundo, de educação e no seu próprio ato de ensinar, a grande oportunidade de provocar uma reforma de ação, de se construir um novo pensar com os alunos, desmembrando questionamentos a partir daquilo que eles mesmos trazem em seus

discursos e, acima de tudo, mais coerentes com as mudanças que vêm afetando a vida em convivência.

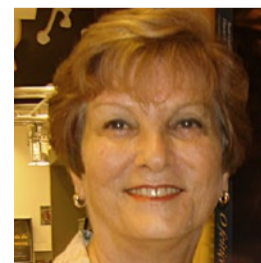
O filme que se exhibe em sala de aula precisa ter um sentido, ser contextualizado e posto em questão. Há aqui um aspecto a ser considerado na escola: o sentido que ela confere ao cinema na prática pedagógica. Isto implica em admitir que o cinema é um meio que contribui para a construção do conhecimento, do ensino e da aprendizagem, além de representar valores sociais, éticos e estéticos pretendidos pela instituição.

Enfim, se a cultura imagética atual coloca em cheque a suposição que o conhecimento só se dá por meio do discurso de palavras e a escola concorda em trazê-la para o seu espaço, cabe-lhe colocar essa cultura em debate para descobrir o que tem de valioso e reconhecer, num esforço que agrega o sensível e a fundamentação teórica, condições e princípios do conhecimento que promove. Cabe, ainda, à escola pensar sobre a prática, sobre a forma como o cinema lida com conteúdos éticos, sociais, históricos, políticos, culturais e transformações assumidas pelos sujeitos. Por isso mesmo, consideramos fundamental, ao longo de uma discussão ante as imagens do cinema, tratar também sobre o que implica e o que vem a ser a existência e o ser humano nos dias de hoje.

Referências bibliográficas

PIMENTEL, Lucilla da S. L. "A imagem cinematográfica em aula - um discurso interdisciplinar". Em MARTINS, João Carlos e PIMENTEL, Lucilla da S. L. **O fazer pedagógico** - (re) significando o olhar do educador. Rio de Janeiro: WAK, 2009, capítulo 5, p.91-110.

LUCILLA DA SILVEIRA LEITE PIMENTEL
Filósofa educadora. Mestre em filosofia da educação (PUCSP). Mestre em comunicação social (UNIPSP). Psicopedagoga (USM). Especialista em orientação sexual: família e escola pela Pontifícia Universidade de Salamanca/ Espanha. Professora de ensino superior e de cursos de formação de educadores. Assessora em educação. Co-autora e autora de publicações na área de filosofia, educação e cinema.



coluna



Formação Permanente de educadores do Colégio Cristo Rei

Encontros mensais de aperfeiçoamento enriquecem prática docente

A direção do Colégio Cristo Rei acredita que o aperfeiçoamento constante dos colaboradores é componente decisivo para a qualidade da educação oferecida aos alunos. Diante disso, em 2013 foi lançada mais uma iniciativa no sentido de contribuir com o contínuo aprimoramento da equipe docente.

Este novo projeto chamado de Formação Permanente acontece uma vez por mês, sempre aos sábados pela manhã. Nestes encontros professores e coordenadores do Cristo Rei se reúnem para rodas de conversa e momentos de reflexão, recebendo palestrantes, consultores e estudiosos da educação.

A formação é segmentada de acordo com os ciclos, sendo um grupo formado por educadores da Educação Infantil e Ensi-

no Fundamental I e outro composto pelos docentes do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Cursinho, sendo que ambos têm como objetivo principal pensar sobre fatores fundamentais para um melhor desenvolvimento do trabalho com os alunos em sala de aula.

Entre os assuntos já abordados pelo grupo da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, ao longo destas oportunidades formativas, discutimos a importância de escutar nossos alunos, através de situações diferenciadas de aprendizagem oferecidas pelo professor para que o aluno se coloque, expressando seu ponto de vista e interagindo com o grupo.

A participação da docente da UNESP, Prof^a Dr^a Elieuzza Aparecida de Lima, que conduziu os encontros de formação, trouxe contribuições sobre a Pedagogia da escuta, caracterizando-a como somatória de experiências que acontecem no micro e macro espaço onde estamos inseridos. Ela destacou que a escuta não é ensinada no outro, precisa ser educada no





outro com algumas finalidades principais:

- como capacidade de respeito ao outro;
- enriquecimento de quem escuta e de quem produz a mensagem;
- dar visibilidade às crianças;
- tomar as diferenças como possibilidades de troca de interlocução de comunicação;
- relação recíproca;
- o professor como suporte e mediador da realidade.

Sempre respeitando a individualidade do aluno os profissionais estão a todo momento repensando e avaliando sua prática pedagógica, criando oportunidades para que o aluno possa expressar seus sentimentos e ideias, comunicar-se com os outros, criar, agir, conhecer; organizar-se e avaliar-se.

Além disso, concluímos ser importante que o registro das atividades em sala de aula seja organizado e exposto para outras salas e para os pais, ou seja, o produto do trabalho precisa ser divulgado e valorizado para que o aluno se sinta parte integrante do processo de aprendizagem.

Dessa forma, através das atividades desenvolvidas em sala de aula, a AUTONOMIA do aluno será estimulada, para que ele seja capaz de fazer uma auto avaliação de seu trabalho, conseguindo interpretar os diversos tipos de propostas em sala de aula. Neste sentido, os temas transversais se tornam relevantes, possibilitando ao educando perceber e compartilhar através de pesquisas em grupo, as diferenças entre os contextos sociais e o contexto no qual está inserido.

Discutimos também, durante nossos encontros, a contribuição da arte na escola, visto que é um conteúdo escolar importantíssimo para o desenvolvimento dos alunos, principalmente no campo emocional. Para isso, pensamos ser preciso que as aulas sejam trabalhadas em diferentes ambientes como: ateliês, salas de aula, quadra e outros espaços que devem ser explorados de maneira organizada para um trabalho harmonioso e integral.

Enfim, o objetivo central dos nossos encontros deixa claro a importância de associarmos teorias às práticas pedagógicas, fazendo com que nosso trabalho seja sempre colaborativo, afinal acreditamos que a educação passa a ter sentido na vivência da sala de aula e na troca de experiências.

Por isso, durante todo o ano letivo, os professores estarão reunidos para realizar cursos de capacitação, sempre tendo com foco a realidade da sala de aula.

“o objetivo central dos nossos encontros deixa claro a importância de associarmos teorias às práticas pedagógicas, fazendo com que nosso trabalho seja sempre colaborativo, afinal acreditamos que a educação passa a ter sentido na vivência da sala de aula e na troca de experiências.”



ROSÂNGELA MICHELLI

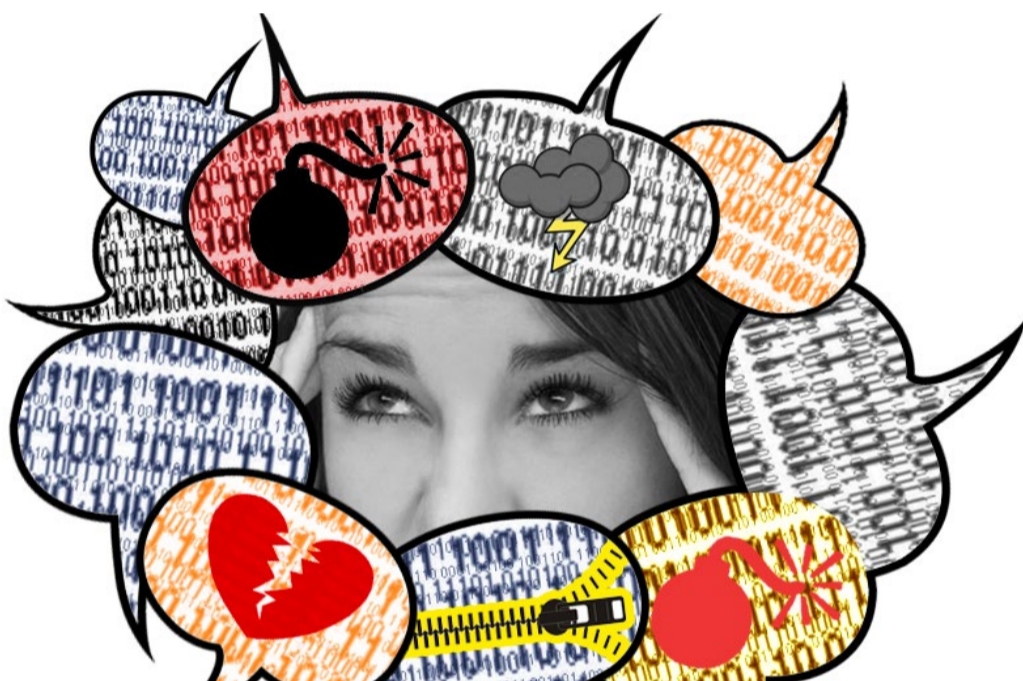
Psicopedagoga e professora de apoio pedagógico para alunos do 2º ao 5º ano

opinião



Linguagem e Internet

Como a comunicação foi afetada pelas ferramentas digitais



Muito se discute sobre as mudanças (positivas e negativas) que as ferramentas tecnológicas trouxeram ao comportamento humano, estamos falando de ação e linguagem, que constitui o que é a comunicação em uma sociedade.

Os aparatos digitais são inúmeros, sendo, portanto, difícil referir-se a todos em poucas linhas, mas podemos exemplificar falando do celular, que não é apenas um telefone, e sim um computador que tem a telefonia como um recurso. Através dele podemos ler notícias, receber e-mails, visualizar fotos, usufruir de diversos aplicativos de diferentes categorias que auxiliam em tarefas cotidianas, e por fim, nos comunicar com alguém em qualquer parte do mundo e a qualquer hora.

No entanto, dentro desse processo de comunicação rápida, eficiente e eficaz, as pessoas estão cada vez mais individualizadas dentro de tanta informação.

Reflexo disso são os sites de relacionamento, indicadores de uma incerteza no comportamento, isso porque muitos usuários se mostram populares e ao mesmo tempo solitários. No mundo virtual, muitas vezes, cria-se um universo paralelo à realidade, em que pessoas são personagens; suas vidas, exposições que dependem de constantes aprovações, existindo duas prováveis situações: o que é compartilhado ou, no caso, comunicado, agrada e, por isso, quem o fez se sente realizado e satisfeito, ou o contrário, cria-se uma discordância entre duas ou mais pessoas e uma suposta amizade é desfeita. Superficialidade. Essa é a palavra que define a comunicação influenciada pela tecnologia nos tempos atuais.

Hábitos simples e importantes foram esquecidos: a durabilidade das coisas, dos

relacionamentos em geral (amizade, família, trabalho, namoro), a veracidade do que é dito e do que é pensado, a privacidade que passou a ser desimportante, aliás, desnecessária.

Finalizando, num aspecto geral, objetos e pessoas passaram a ser "descartáveis", usando como justificativa o fato de sempre existir inúmeras possibilidades, seja para adquirir bens materiais, seja para estar em outros relacionamentos.

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, sintetiza essa ideia quando diz:

"Sinais significativos da gratificação momentânea não sobrevivem às chances de gratificações futuras. Tudo que é volumoso, pesado e durável, enfim, tudo que iniba e faça cessar o movimento, passa a ser considerado um risco"



LEANDRO TECCO

Formado em Letras com habilitação em Português e Inglês pelo Centro Universitário Eurípedes de Marília – UNIVEM. Prof. de Gramática/Interpretação de texto para Ensino médio e Curso Pré-vestibular

opinião



Cotas: Reparação Social ou questão de mérito?



Recentemente um tema de extrema relevância para a democratização do ensino superior tem dividido opiniões dos intelectuais e dos estudantes: o sistema de cotas nas instituições públicas de ensino superior no Brasil. Os que são favoráveis às cotas raciais e socioeconômicas como a pedagoga Dionária da Silva Santos defendem que "o sistema de cotas é uma ação afirmativa de reparação social. O principal argumento que a gente usa para a defesa do sistema de cotas é baseado em dados estatísticos que revelam que o número de pessoas negras nas universidades é muito pequeno" (**Mundo Jovem publicada na edição nº 382, novembro de 2007**); isto é, as cotas seriam uma forma justa de ajuste social para as populações historicamente marginalizadas depois de aproximadamente 400 anos de escravidão e exclusão.

Com relação àqueles que discordam do sistema de cotas, já a contestavam antes mesmo de "sua aprovação, principalmente porque ela não veio acompanhada de nenhum plano para melhorar a educação básica. Até mesmo estudantes de escolas públicas reclamam que não queriam as cotas, mas sim uma educação pública de

qualidade" (site Brasil Escola); acrescentam ainda, além da questão do mérito acadêmico, que a imposição fere a autonomia das universidades, que até então poderiam decidir a forma de distribuição das vagas oferecidas nos processos seletivos.

Sabe-se que desde a chegada dos europeus ao *novo mundo* a exploração dos recursos, assim como a dominação cultural foram evidentes. No período conhecido como *pré-colonial* no Brasil, os portugueses exploraram a mão de obra indígena em larga escala através do escambo (oferecimentos de bugigangas); já a partir de 1534, se iniciava a colonização propriamente dita no Brasil e com ela a exploração da mão de obra africana. Os motivos da escolha do negro como mão de obra é conhecida: eles eram oriundos de várias regiões da África, portanto não conheciam o território e não falavam o mesmo idioma (isso dificultava a resistência e as fugas); também eram bem adaptados ao trabalho agrícola; os africanos já eram explorados por Portugal nas ilhas da Madeira e Açores; além do principal: o tráfico negreiro era uma das grandes receitas da Coroa Portuguesa.

O que nos interessa, contudo é que esse sistema de exploração perdurou por quase 400 anos, ou seja, o



opinião

Brasil foi sustentado desde o início da colonização até o ano de 1888 por mãos e pés dos negros africanos, criando uma enorme distância entre seus descendentes em relação aos brancos europeus que os exploravam. Uma expressão cunhada por alguns historiadores é muito marcante, pois diz que o negro era "os pés e as mãos do senhor". Com a chegada dos imigrantes europeus e asiáticos no século XIX, a situação do negro – apesar de liberto – permaneceu muito precária, pois, os longos anos de exploração haviam criado uma mentalidade conservadora na sociedade: o negro era visto com inferioridade intelectual, restando-lhe o serviço braçal; os senhores acostumados explorar o trabalho compulsório africano não aceitavam os assalariar preferindo o trabalho dos imigrantes, mais qualificado; além disso, os negros sofreram com a exclusão social, assim como os nativos indígenas que sofriam exclusão semelhante.

E QUANTO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS APÓS A ABOLIÇÃO?

Sabe-se que o dia 13 de maio de 1888 foi marcante para o ideal de igualdade jurídica no Brasil, pois colocou fim a escravidão formal. Porém, apesar de extinto o trabalho compulsório, nenhuma política pública ou ação governamental foi feita para inseri-los na sociedade brasileira, nem nos últimos e agonizantes 18 meses da monarquia, nem no período republicano que veio logo em seguida. A libertação dos escravos na prática serviu mais como expulsão dos negros das terras dos fazendeiros (libertação dos senhores do dever de acomodação e alimentação) abandonados à própria sorte, não uma verdadeira conquista de cidadania. Vale lembrar que os africanos não vieram ao Brasil, mas foram trazidos, portanto uma política pública naquele contexto era mais que obrigação do Estado. Além disso,

“Pesquisas recentes revelam que os negros são abordados com mais frequência em batidas policiais, recebendo mais insultos e agressões físicas”

aldeias indígenas inteiras estavam sendo ocupadas pela elite branca empurrando os índios floresta adentro.

A herança dessa exploração foi observada em todo o século XX e no início do século XXI; os descendentes dos africanos, os afrodescendentes, assim como os indígenas, herdaram uma situação muito desfavorável, tais como: marginalização, analfabetismo, exclusão social - devido ao preconceito e a mentalidade conservadora em relação ao negro -, pouca qualificação, desemprego (uma vez que o negro era preterido no mercado de trabalho). Como cobrar mérito de quem carrega esta história? Desse modo o vestibular tradicional seria: "Direitos iguais para uma sociedade desigual". Sabe-se que as únicas alternativas que os herdeiros afrodescendentes tinham, além do subemprego era a criminalidade. Por tudo isso a Lei das Cotas - Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 – nos parece necessária, porém tardia, pois deveria ter sido feita após o dia 13 de maio de 1888, no caso do negro.

REFLEXOS DA ESCRAVIDÃO

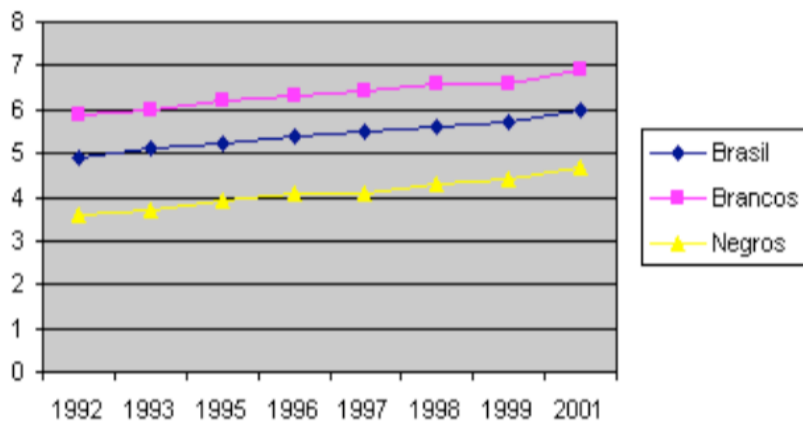
Pesquisas recentes revelam que os negros são abordados com mais frequência em batidas policiais, recebendo mais insultos e agressões físicas do que os indivíduos brancos. Estudos da Fundação SEADE (1996) revelam que, havia o seguinte quadro de desemprego, só na região metropolitana de São Paulo: homens negros 77% maior que a dos brancos. Pouco mais de um terço das mulheres negras e 29% das pardas trabalham nos serviços domésticos, forma de ocupação de apenas 13% das brancas. Segundo dados do UNICEF, de 2000 menores carentes, 1600 são negros. Segundo a OEA (Organização dos Estados Americanos) a margem diferencial de ingresso à Universidade de São Paulo (USP), de cujos 50 000 estudantes em 1994, apenas 2% eram de estudantes negros.

Ainda, segundo a pedagoga Dionária da Silva Santos "nas regiões onde existiam universidades, o número de estudantes negros era de 0,1% a 1%". Abaixo dados do IPEA sobre acesso à educação.



opinião

ACESSO À EDUCAÇÃO 1992-2001 - IPEA



Desigualdade racial: Indicadores Socioeconômicos 2003.

Segundo o monge Beneditino e escritor Marcelo de Barros "Na educação, um branco de 25 anos tem, em média, mais do que o dobro de anos de estudo do que um negro da mesma idade". Ainda segundo Marcelo Barros, a questão da negação da "raça" é muito forte, pois conforme o censo mais recente, 44% da população brasileira é afrodescendente, mas só 5% das pessoas se declaram negras. Estes dados se tornam ainda mais espantosos quando sabemos que, da população brasileira mais empobrecida, 64% são pessoas negras. **(Consciência negra e o racismo brasileiro – jornal mundo jovem).**

OS "FRUTOS DA ESCOLA PÚBLICA"

Alguns críticos da Lei das Cotas afirmam que não é pelas cotas que se democratiza o ensino, mas pela melhoria no sistema educacional; afirmação muitas vezes acompanhada de exemplos de sucesso, isto é, os "frutos" da escola pública que outrora e, em raros casos ainda ocorrem, tais como: Fulano de tal é juiz e sempre estudou em escola pública, ou ainda afirmações baseadas em exceções: O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal) é negro e sempre estudou em escola pública. Afinal, que escola pública era a de outrora? Uma escola excludente (não era boa, porém não tão abandonada como atualmente), o aluno "problema" não tinha acesso; a escola não era para todos, mas para uma minoria. Logo, acesso à escola era privilégio das classes urbanas A, B e C (excluindo as classes D e E), além disso, a competição universitária era bem menor. A escola pública com tanta deficiência é algo muito recente: se intensificou em meados dos anos de 1990 com o triunfo do

neoliberalismo. Portanto não se deve apelar às exceções ou pensar numa escola pública que não mais existe para defender ou desabonar alguma lei.

Atualmente temos uma escola superlotada; nos dados socioeconômicos o Brasil se aproxima dos 100% de matriculados, com pouca evasão escolar e com um sistema de progressão continuada (muito criticada pela comunidade e pelos profissionais de educação). Tudo isso causou um grande caos na educação pública, pois a escola não tinha condições de atender tamanha demanda (Em 1970 eram 90 milhões de brasileiros, hoje temos quase 200 milhões); os salários a cada ano se depreciavam; a autonomia tornou-se indisciplina (já existia, porém em grau bem inferior). Esses fatores influenciaram violência, depredação do patrimônio público, e depressão por parte dos profissionais da educação. Desse modo é muito 'sortudo' o aluno que atualmente tem "apenas" 10 aulas vagas por semana (vale lembrar que os substitutos "eventuais" nem sempre são da matéria – às vezes nem formados são). Portanto os atuais alunos das instituições públicas não encontram as mínimas chances de competição com os das escolas privadas; a escola do passado tinha problemas, porém em menor escala.

E A MELHORIA NA ESCOLA PÚBLICA

A melhoria na escola pública seria um dos fatores importantes para se democratizar o ensino, porém não resolveriam todos os problemas. Em um passado recente as elites (latifundiários) estudavam em liceus europeus (tinham alternativa de diferenciação social); além disso, se todas as escolas públicas se tornarem tão boas quanto as particulares, ainda assim o aluno pobre precisaria trabalhar para ajudar no sustento da família, enquanto o aluno mais rico poderia investir tempo e dinheiro em outro período para permanecer à frente das classes subalternas através de cursos especializados. Porém, a melhoria do sistema público de ensino se faz necessário, inclusive é um dever do Estado para toda a população, não só para as classes subalternas.

O PROBLEMA DAS COTAS

Muitos críticos da Lei das Cotas fazem outra leitura histórica sem à perspectiva da escravidão, mas do processo público educacional brasileiro que jamais teve investimento oficial; isso teria criado o abismo de oportunidades entre brancos e os mestiços, negros e indígenas. A questão não seria reserva de cotas,



opinião



mas a ampliação das oportunidades históricas que não foram oferecidas por nenhum governo brasileiro; Assim, o Estado não teria investido e a sociedade estaria “pagando” com mais concorrência e reafirmando o preconceito. Revela a Constituição Federal no artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família.” No artigo 206, especifica-se em um dos princípios que: “[...] IV gratuidade do ensino público nos estabelecimentos oficiais”. Portanto, o aluno da escola privada seria duplamente prejudicado: A educação é dever do Estado e tem o princípio da gratuidade. Entretanto se o aluno optar por qualidade só encontrara na escola privada (não gratuita); além disso, o princípio de igualdade seria ferido, pois os alunos das escolas privadas estariam sendo punidos (excluídos das cotas) por optarem por qualidade (obrigação do governo segundo a Constituição).

Outra questão polêmica refere-se ao mérito, que vem relacionado com o preconceito. Segundo os críticos das cotas a melhoria imediata na rede pública traria o sentimento de conquista, do mérito, isso traria respeito e afirmação de conquista por parte dos menos favorecidos aprovados nos vestibulares. Já as cotas aumentariam o abismo preconceituoso, pois seria uma “assinatura” da incompetência por parte de algumas etnias levando o sentimento racista e excludente a se repensar; muitos acrescentam, inclusive que se as universidades oferecem as cotas, mas o mercado os selecionará – referência ao

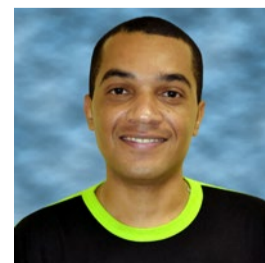
preconceito criado pós-cotas. Dessa forma, o sistema de cotas seria um desvio do verdadeiro problema: a péssima escola pública – ou seja – o governo “alivia” um barril de pólvora agora (imediatismo) e não resolve a verdadeira face da questão, isto é, a constitucionalidade que garanta educação pública e de qualidade para todos (pobres e ricos), no entanto, não investe na atual e péssima escola pública.

A perda da qualidade nas universidades públicas também é tema recorrente, além da “quebra” da autonomia no processo seletivo. Muitos defensores das cotas defendem que as universidades já solucionam esses casos como a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) que oferece aulas de reforço, de ensino médio para os alunos cotistas egressos na universidade. Porém, se a universidade precisa adotar esses reforços, significa que realmente a prioridade é a educação pública, pois a função da universidade não é ensinar ler e escrever, mas dever do Estado no Ensino Fundamental e Médio, isso gera uma despesa pública que poderia ser investida na melhoria da qualidade do ensino, por exemplo.

Conclui-se que o tema não se esgota, e a disparidade das opiniões só nos provoca a cobrar mais os direitos de todos, independentemente da etnia, opção sexual, religiosa ou de classe social. Percebe-se que as cotas são um avanço para a comunidade menos favorecida, pois a sociedade brasileira é uma das mais desiguais do planeta, em todos os sentidos. No entanto, sabe-se que não resolvem tudo, pois as condições de ensino, o falho sistema de processo seletivo nas universidades e o prejuízo para as classes A e B que precisam pagar por qualidade, que pela Constituição Federal deveria ser público nos provoca a pensar em um novo passo, onde as vagas também sejam ampliadas e todos os estudantes possam escolher e efetivar essas escolhas profissionais independente de classe social ou de etnia. Porém, o primeiro passo foi dado, precisa-se agora, cobrar o Estado para que outros também o sejam.

ELDER ROBERTO CABRAL MARCÍLIO

Licenciado em Ciências Sociais. Professor de História, Geografia e Sociologia no Colégio Cristo Rei. Bacharelado em Ciência Política com pesquisas relacionadas à Segunda Guerra Mundial e Antissemitismo (histórico e holocausto nazista).



resenhas

e sugestões



O prazer e a relevância de ler e escrever relatos pessoais: *um dia eles podem fazer história*

O Diário de Anne Frank - um relato de uma vida, um aprendizado para a vida.

Imagine a seguinte história: uma adolescente alemã dona de uma vida tranquila em Amsterdam (Holanda) que teve uma reviravolta em seu mundo devido a uma guerra. Simples assim? Não, pois, hoje sabemos que não era qualquer garota, muito menos qualquer guerra. O nome dela era Anne Frank e ela foi uma das muitas vítimas da 2ª Guerra Mundial.

Suas amizades foram interrompidas, sua rotina foi destruída, seus sonhos desapareceram. Ela poderia ter sido muitas coisas, inteligência não faltava, mas não conseguiu ser. Ela morreu poucos dias antes do término da guerra.

O pai de Anne, Otto Frank, ao perceber que sua família corria risco de ser exterminada pelo exército nazista, conseguiu, com a ajuda de alguns amigos, esconder todos em um sótão que ficou conhecido como Anexo Secreto.

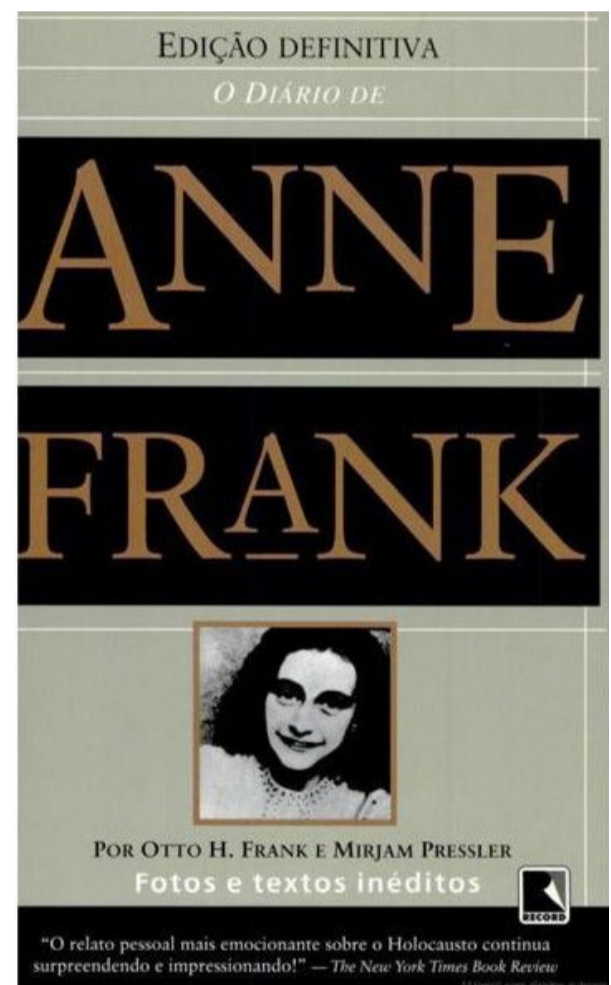
Neste período, Anne escreveu um diário, em que relatava suas intimidades e também o dia a dia das pessoas que conviviam com ela. O esconderijo deu certo por 2 anos, porém, em 1944 foram descobertos e capturados. Os habitantes do Anexo Secreto foram levados para campos de concentração. Anne e sua irmã Margot foram enviadas ao campo de Bergen-Belsen, onde morreram em março de 1945.

Quando falamos em relatos pessoais, os famosos diários, não imaginamos a relevância que podem ter. Se Anne não tivesse utilizado seu diário para colocar suas mágoas, suas apreensões e seu dia a dia escondida dos nazistas no Anexo Secreto, certamente não conheceríamos tanto sobre o Holocausto.

O fato de julgar as pessoas pela aparência, no caso, julgar por serem judias, resultou em milhões de mortes de inocentes, de gente como a gente, cheia de sonhos, medos e anseios.

O diário de Anne Frank foi encontrado logo após eles serem presos e foi guardado por uma amiga da família e entregue ao seu pai, sobrevivente da guerra, que resolveu publicá-lo para que o mundo conhecesse a sua história.

O livro é uma lição de vida. Ao lermos, percebemos as fragilidades do ser humano, a capacidade de adaptação que as pessoas possuem, as consequências de se rotular o próximo, fazendo-nos pensar o quão importante é o nosso lugar no mundo e o quão importantes são os pequenos detalhes da vida.



Livro: O Diário de Anne Frank

Ficha técnica

Autora: Anne Frank

Publicado por: Otto H. Frank e Mirjam Pressler

Edição: 29ª

Editora: Record

Nº de páginas: 349

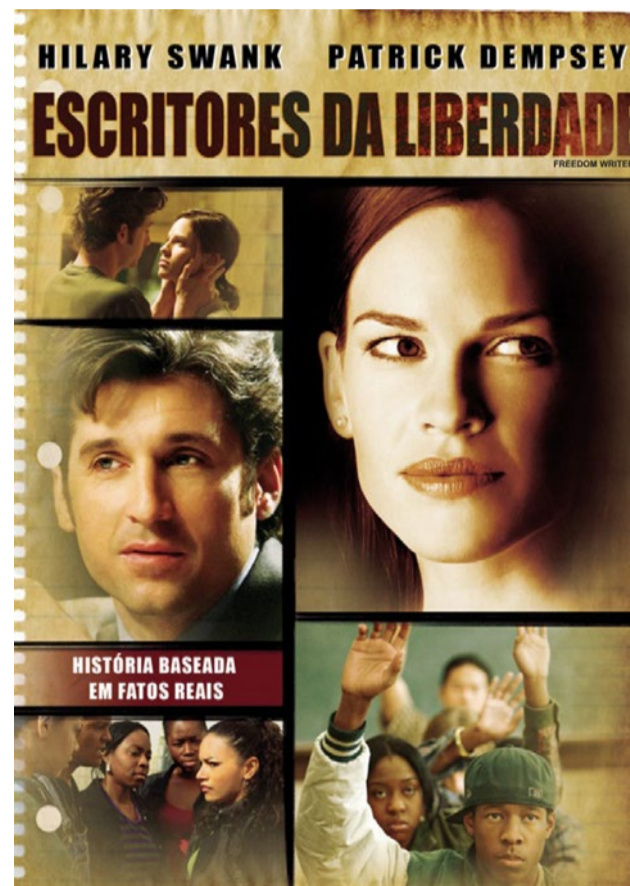
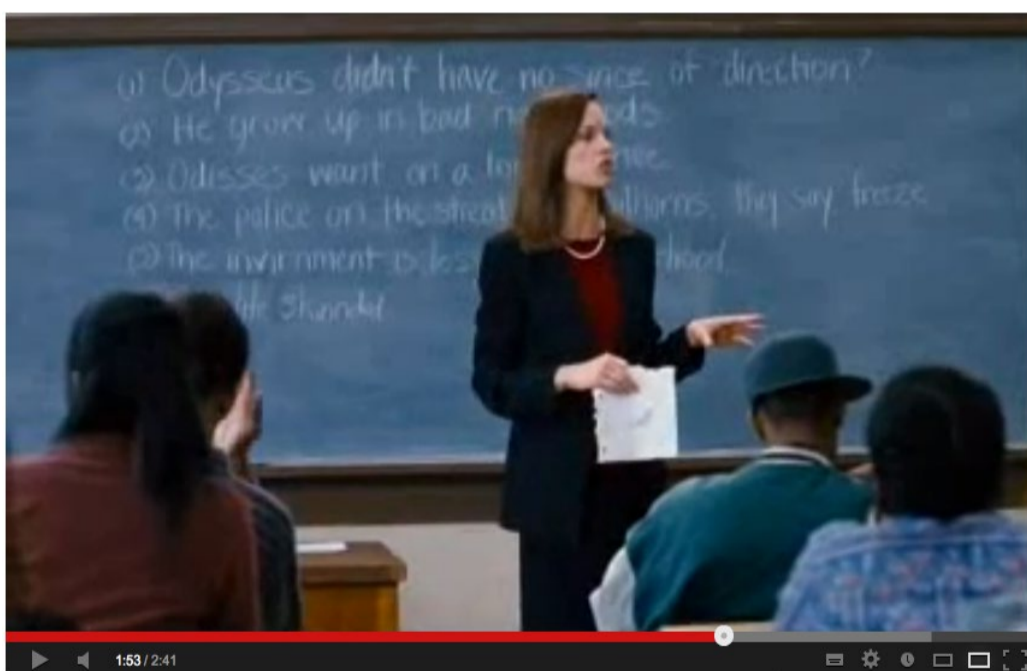


resenhas e sugestões

Filme: Escritores da Liberdade

Para quem já leu o livro e gostou da história, vale a pena assistir ao filme *Escritores da Liberdade* (Dirigido por Richard La Gravenese e produzido por Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher em 2007) em que uma professora utiliza o relato de Anne Frank para ajudar seus alunos a saírem de uma vida cheia de preconceitos, discriminação racial, drogas e marginalidade. Vale dizer que a história do filme, assim como a da garota judia, também é verdadeira.

E então, você já começou a escrever um diário? Pense bem... um dia a sua história pode ajudar o mundo a entender melhor a época em que você se encontra. Se não ficar famoso, garanto que trará momentos de prazer e reflexão enquanto estiver sendo escrito e boas risadas e emoções quando for lido em um futuro!



Ficha Técnica

Título original: Freedom Writers
 Diretor: Richard LaGravenese
 Elenco: Pat Carroll, Patrick Dempsey, Jason Finn, Scott Glenn, David Goldsmith, Kristin Herrera, Blake Hightower, John Benjamin Hickey, Will Morales, Anh Tuan Nguyen, Vanetta Smith, Imelda Staunton, Hilary Swank, Deance Wyatt.
 Duração: 123 min.
 Ano: 2007
 País: EUA
 Gênero: Drama
 Cor: Colorido



FERNANDA PERES ANTONIO
 Formada em Letras (UNESP/Assis), professora de Língua Portuguesa, apaixonada por livros e escritora de diários desde os seus 7 anos de idade.



resenhas e sugestões

Filme: UP - Altas Aventuras

Uma colorida lição sobre sonhos recomendada para crianças e adultos

Este filme traz uma hilária aventura onde o céu não é mais o limite. O personagem principal é Carl Fredricksen, um vendedor de balões aposentado, parte rabugento, parte sonhador que está preparado para sua última chance de diversão nas alturas.

Amarrando milhares de balões à sua casa, Carl parte em direção ao mundo perdido dos seus sonhos de infância. Sem seu conhecimento, Russel, um ansioso explorador da natureza de oito anos que nunca se aventurou além do seu quintal, está no lugar "errado" e na hora "errada": a varanda da casa de Carl.

A dupla mais improvável do mundo alcança outros horizontes e conhece amigos fantásticos como Dug, um cachorro com uma coleira especial que lhe permite falar, e Kevin, um raro pássaro de 3.5 metros que não voa. Presos na floresta, Carl percebe que de vez em quando as maiores aventuras da vida não são aquelas que você sai procurando.

Todo este enredo rendeu a UP indicação ao Oscar na categoria de melhor filme em 2010.

Apesar de ser uma animação, a história traz uma linda mensagem de vida não só para as crianças, mas também para os adultos. A grande lição que UP deixa é que devemos buscar e jamais desistir de nossos sonhos por mais impossíveis que possam parecer.



Ficha Técnica

Titulo original: Up
Duração: 96 min.
Ano: 2008
País: EUA
Gênero: Animação
Estúdio: Pixar Animation Studios / Walt Disney Pictures
Classificação: Livre
Diretor: Pete Docter
Roteiro: Bob Peterson, Pete Docter, Thomas McCarthy
Trilha Sonora: Michael Giacchino



resenhas e sugestões

Filme: As aventuras de Pi

Belas cenas e reflexões profundas

Pi Patel é filho do dono de um zoológico localizado em Pondicherry, na Índia. Após anos cuidando do negócio, a família decide vender o empreendimento devido à retirada do incentivo dado pela prefeitura local. A ideia é se mudar para o Canadá, onde poderiam vender os animais para reiniciar a vida.

Entretanto, o cargueiro onde todos viajam acaba naufragando devido a uma terrível tempestade. Pi consegue sobreviver em um bote salva-vidas, mas precisa dividir o pouco espaço disponível com uma zebra, um orangotango, uma hiena e um tigre de bengala chamado Richard Parker.

A luta pela sobrevivência sustenta todo o decorrer do filme, baseada em dois pilares: a relação do homem com o animal, e como ela é moldada de acordo com a necessidade de



momento, e a própria natureza. É a partir da riqueza destes dois elementos que o filme, pouco a pouco, conquista o espectador, seja pelo inesperado ou pela própria beleza das sequências exibidas.

O filme é baseado no romance de mesmo nome escrito por Yann Martel em 2001. Embora a classificação seja livre, recomendo aos adultos, pois o enredo leva a reflexões profundas sobre questões existenciais. As Aventuras de Pi mostra que cada um tem suas próprias verdades e maneiras de interpretar as experiências, de acordo com a capacidade de suportá-las.



Ficha Técnica

Título original: Life of Pi
 Duração: 129 min.
 Ano: 2012
 País: EUA
 Gênero: Drama
 Cor: Colorido
 Distribuidora: Fox Film
 Estúdio: Fox 2000 Pictures / Rhythm and Hues
 Classificação: Livre
 Diretor: Ang Lee
 Produção: Ang Lee, Gil Netter, David Womark
 Roteiro: David Magee, baseado na novela Yann Martel
 Fotografia: Claudio Miranda
 Trilha Sonora: Mychael Danna



DIRCE HELENA MOTA (TUCA)
 Psicóloga, professora de MenteInovadora e coordenadora da Oficina de Teatro do Colégio Cristo Rei

redações

de alunos



- 27 Redação no Vestibular: Dicas e tendências
Prof^a. Eliana N. de Lima Pastana - Professora de Redação
- 28 Pela Rua
Lucas Pilotto Ramos - Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental
- 29 Redação UEM 2013
Bruna Gomes Vieira - Aluna da 1ª série do Ensino Médio
- 30 A gente só dá valor quando perde...
Daniela Lie Higawa - Aluna da 2ª série do Ensino Médio



redações de alunos

REDAÇÃO NO VESTIBULAR: DICAS E TENDÊNCIAS

Uma boa redação de vestibular - que nada mais é do que um teste para averiguar a capacidade do estudante em opinar e refletir - deve conter argumentação bem colocada e bem fundamentada. Atualmente, a maioria dos exames de vestibulares ainda solicita do candidato um texto argumentativo, ou seja, um texto em que o candidato exponha uma opinião pessoal, mas que argumente de maneira impessoal, utilizando verbos na terceira pessoa do singular.

Entretanto, há as atuais propostas de redação adotadas por algumas universidades públicas (UNICAMP, UFPR, UEL, UEM) que procuram avaliar a capacidade de leitura e redação dos candidatos, a partir de um conjunto de questões com respostas curtas (até 15 linhas). Outra característica da prova de redação dessas universidades é a flexibilidade no modelo de textos solicitados. Estas instituições procuram, em cada questão discursiva, avaliar a capacidade de articular conhecimentos com obediência às características de cada gênero, já que o bom escritor não é aquele que escreve correto, mas o que sabe escolher para o seu texto os recursos necessários à sua intenção.

Seja qual for a instituição e o gênero textual solicitado, têm melhor desempenho os candidatos que revelam a capacidade de fazer uma leitura crítica, selecionar informações relevantes, avaliá-las, relacioná-las umas às outras e a conhecimentos prévios. É condição, portanto, para um bom desempenho na Prova de Redação, uma leitura criteriosa dos enunciados, de forma que os textos produzidos atendam ao que é solicitado. Mas não basta somente ler e saber o que fazer, é preciso saber COMO fazer.

Partindo do pressuposto de que só se consegue o COMO com muita prática, nossa escola, há alguns anos, oferece aos alunos uma Oficina de Redação, que nada mais é do que um treino semanal com dicas e tendências sobre o que as atuais universidades pretendem com aquele ou este novo modelo de prova de redação.



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

realizada em nossas aulas e Oficina de Redação.

PROPOSTA DE TEXTO PARA OS OITAVOS ANOS: com base na definição a seguir redija um poema.

PARÓDIA é a recriação de viés crítico, com intenção crítica, cômica ou satírica. Na paródia, o texto fonte não é apenas o ponto de partida. Ele permanece entrevisto no espaço do texto recriado, sem o que se perde o efeito de sentido da paródia.

PELA RUA

(Paródia de Pela Rua, Ferreira Gullar)

Sem qualquer esperança,
detenho-me em Brasília,
na Avenida Planalto, domingo,
enquanto o Lula se despede da Dilma.

Sem qualquer esperança,
espero a gasolina baixar,
junto ao IPI, que vai e vem,
e sai da minha carteira.
Surge um desconto e, depois, some
num vexame que provoca tumulto.
E a população protesta.

Vejo o Tiririca
na fila do cinema, de azul.
Dirige um automóvel, a pé
cruzará as ruas.
Miragem que, finalmente, desintegra
com a tarde acima dos edifícios
e se esvai nas nuvens.

A cidade é grande.
Em algum lugar está a esta hora,
parado, andando ou trabalhando como palhaço Tiririca.
Talvez em um bar distante ou no terraço de um edifício.
Talvez esteja vindo ao encontro de uma festinha de aniversário,
como um palhaço, sem sacrifício do ofício.

A noite se ergue comercial
nas constelações da avenida.
Sem qualquer esperança,
continuo esperando a gasolina baixar...
Meu coração vai se apertando e meu bolso também...
E eu, sem qualquer esperança, continuo querendo sair do
Brasil.

Lucas Pilotto Ramos
Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O destaque deste poema é a utilização adequada dos componentes estruturais da linguagem poética (verso, estrofe e rima), que dá ao texto grande efeito expressivo e articula os fatos numa sequência lógica e coerente. É interessante considerar, também, a maturidade e a criticidade deste aluno ao abordar um tema político e social de forma tão sensível e poética.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO REDAÇÃO - UEM 2013

Tendo como apoio os textos da coletânea, redija um TEXTO INSTRUCIONAL aos leitores da Revista "Pais & Adolescentes", com no mínimo 10 e no máximo 15 linhas, no qual sejam apresentadas instruções aos pais sobre como proceder com seus filhos no momento da escolha profissional deles. Você pode optar por dar ou não um título ao seu texto.

Se vocês têm um filho adolescente e estão, junto com ele, passando pela pressão e ansiedade da escolha profissional, eis aqui algumas dicas para facilitar esta fase de escolhas e orientação vocacional.

Primeiro, deixem seu filho descobrir sua vocação naturalmente. Orientar, sim. Influenciar, não. Um direcionamento saudável pode ser a sugestão do teste vocacional. Além deste, creio que uma visita à faculdade pretendida para conversar e receber orientações de pessoas de diferentes áreas de atuação possa ser produtiva e trazer segurança na hora de seu filho fazer opção. Por fim, uma conversa franca e aberta para ele ter certeza de que receberá apoio na decisão pode fazer toda a diferença. Afinal, é isso que os filhos esperam dos pais: apoio.

Espero que, com essas dicas, vocês possam tornar esta etapa mais fácil aos seus filhos. Mas não se esqueçam, orientação em excesso nunca é bom. Boa sorte!

Bruna Gomes Vieira
Aluna da 1ª série do Ensino Médio



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

PARA AS SEGUNDAS SÉRIES: com base na definição a seguir, redija uma crônica.

O QUE É CRÔNICA?

Segundo Artur da Távola, 'A crônica é uma forma contemporânea de filosofar'. É uma narração. Uma história curta. É um gênero literário produzido para livros, jornais, internet, entre outros veículos de comunicação. E tem como mote o cotidiano.

A gente só dá valor quando perde...

Estava em casa, assistindo à TV um programa sobre sustentabilidade. O assunto era mais especificamente sobre o desperdício de água nas residências. "Feche a torneira enquanto escova os dentes", "Limpe sua garagem com vassoura e não com mangueira", "Desligue o chuveiro enquanto se ensaboa"... Clichês. Continuei a assistir, mas só com os olhos; na verdade, pensava mais no almoço que na própria matéria. Durante o intervalo, porém, comecei a pensar, de fato, no assunto. E refleti. De que adianta uma pessoa em um milhão de água? Ora, se você adicionar uma colher de açúcar em 30 ml de café, perceberá bem o sabor adocicado. Mas, se em vez de 30, forem 1000 ml, o "efeito doce" será praticamente nulo! Posso citar aqui mais alguns milhões de exemplos, mas era essa a minha linha de raciocínio.

Aonde quero chegar com argumentos sobre café e açúcar associados ao desperdício de água? Em você. Isso mesmo, você. Se cada um de nós fizer um mínimo de esforço, qualquer que seja, poderemos salvar uma vida. Uma não, várias! E, então, lendo esta crônica, você pode até pensar: "Eu posso até contribuir, mas se o outro não fizer o mesmo, de que adianta?" Meu caro, logo acima deixei claro que o objetivo dos meus argumentos era chegar até você, e não a outro. Se fizer a sua parte, o outro também fará. Como assim? Você é o outro do outro, entende?

Deixo claro, aqui, que não estou tentando mudar os hábitos de ninguém. Não, repentinamente, da noite para o dia. Talvez, gradualmente. É que esse problema não é só meu. Muito menos somente seu. É nosso. E é, também, daquelas pessoas da África, por exemplo, que precisam sobreviver com menos da metade da água disponível para nós. Pense, esse bem é imprescindível para nossa vida. Então, por que não cuidar de algo que, simplesmente, cai do céu? É, eu sei, a gente só dá valor quando perde.

Daniela Lie Higawa
Aluna da 2ª série do Ensino Médio



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Escrever uma crônica, uma narrativa cotidiana, é como tecer um tapete num tear: os fios ficam todos disponíveis, é preciso usá-los todos, um a um e na ordem certa para desenhá-lo que antecipadamente se planejou. É isso que observamos nesta redação: texto original, muito bem planejado e adequado à proposta. O destaque são frases dirigidas ao leitor, como se estivesse estabelecendo um diálogo. Parabéns à aluna pelo texto e, inclusive, por optar pelo sério tema sustentabilidade e tratá-lo com leveza, sentimento e poesia.



PROF.ª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA

Revista inovar

